

# Sumário

<i>Introdução</i> .....	7
1. Minha letra é feia .....	9
2. Tenho três tipos diferentes de letra .....	14
3. Com que parte do corpo escrevo? .....	18
4. Falsificaram minha assinatura. E agora? .....	21
5. Escrevo sem tocar as linhas: sou ambicioso ou estou cansado? .....	25
6. Minha letra é grande ou pequena? .....	29
7. Minha letra é de forma .....	33
8. É muito estresse, muita pressão! .....	37
9. Por que sou canhoto? .....	41
10. Escrevo com as duas mãos. É normal? .....	47
11. Símbolos da escrita .....	51

12. Letras femininas e masculinas .....	55
13. Bastante curioso, mas não anormal.....	58
14. Existem doenças da escrita? .....	61
15. Existe uma relação entre tipos de escrita e profissões? .....	67
16. Minha escrita será analisada no processo seletivo .....	71
17. A síndrome do escrivão .....	73
18. Cartas anônimas .....	77
19. Escritas infantis.....	82
20. Letra de médico.....	86
21. Inteligência, criatividade e cultura.....	89
22. Assinaturas de famosos e desconhecidos .....	93
23. Como posso melhorar minha letra para o vestibular? .....	99
24. Como posso saber mais? .....	102

# Introdução

A escrita está presente no nosso cotidiano, mas nem sempre damos a devida importância a ela. Assim como tudo que não é valorizado de forma adequada, várias questões relacionadas com a escrita podem causar os mais diversos tipos de problema.

Os prejuízos financeiros e psicológicos provocados pela incorreta utilização da escrita são imensos. Pense nos transtornos ligados a ter sua assinatura falsificada, à escrita ilegível no vestibular; pense nos problemas que a criança tem na escola pela dificuldade de escrever corretamente, na vergonha de não saber assinar o próprio nome! Muitos desses contratempos poderiam ser evitados, bastando para isso conhecer mais sobre este assunto tão fascinante que é a escrita.

Resolvi escrever este livro quando fiquei mais de cinco horas no aeroporto de Brasília à espera de um voo. Depois de muito procurar, não encontrei nenhum livro com que pudesse me ocupar e “matar” as horas de espera que eu tinha pela frente. Achei que seria muito bom ler um livro que falasse da escrita de modo simples e direto, das dúvidas, das curiosidades e da sua importância para todos os povos. Afinal, a escrita é indelével, está presente todos os dias, inclusive e especialmente para quem não sabe escrever.

Tomada então a decisão de escrever tal livro, mãos à obra! Iniciei pelas perguntas mais frequentes que respondo quando realizo palestras ou cursos, tanto no Brasil como no exterior.

As questões, por incrível que pareça, são as mesmas; as dúvidas e os comentários do público da Argentina, do Chile, da Espanha, do México ou do Brasil são praticamente iguais. Eles também surgem nas entrevistas que concedo a emissoras de televisão e a jornais – ou seja: todos nós temos vontade de conhecer mais sobre esse ato que praticamos quase diariamente. Entretanto, não nos damos conta do intenso e brutal treinamento (forçado) a que fomos submetidos para escrever corretamente.

Uma vez aprendido, o processo da escrita não é mais esquecido: escrever passa a ser um movimento tão banal que só sentimos sua falta quando se torna impossível, como no caso de alguém que quebra um braço e não pode nem assinar papéis.

Procurei escrever em linguagem simples e sem muitos termos técnicos, em que pese a complexidade do assunto.

Agora, só me resta anunciar o seguinte ao prezado leitor: “Você vai ingressar ou se aprofundar no fascinante mundo da escrita. Espero que aquelas horas no aeroporto não tenham sido em vão. Seja bem-vindo!”

## Minha letra é feia

Não, sua letra não é feia. A escrita é uma atividade exclusivamente humana. O gesto gráfico é único; peritos em grafotecnica dizem que não existem dois grafismos iguais na face da Terra. Trata-se de uma lei – até hoje ninguém conseguiu provar o contrário –, um fato cientificamente comprovado e aceito por toda a comunidade científica internacional e principalmente pelos poderes judiciários.

Crépieux-Jamin, o mais importante grafólogo de todos os tempos, identificou 175 características presentes em cada escrita, sendo que, quando misturadas entre si, resultam em um número quase infinito de escritas possíveis.

Ao ingressar na escola, por meio de vários procedimentos, a criança aprende a escrever segundo o modelo escolar predeterminedo. No início, trata-se de um movimento imitador, voluntário e consciente; porém, como não somos máquinas, ao longo do tempo ocorre em cada um de nós uma transformação individual quanto aos aspectos psicomotores, fisiológicos, psicológicos etc. Da infância à idade adulta, essa transformação, chamada grafogênese, é muitas vezes natural e involuntária.

A evolução (ou regressão) da nossa escrita depende de muitos fatores. Cada pessoa tem seu ciclo e suas características. Não se pode determinar, por exemplo, em que período a pessoa começou a escrever – se era criança, adolescente ou adulto –, tam-

pouco se pode indicar com precisão a idade de uma pessoa pela escrita. Em muitos casos, a “idade psicológica” da pessoa é diferente da idade real; sendo assim, um adulto pode ter uma escrita infantil, o que demonstra que a evolução da personalidade não está sendo realizada naturalmente.

Nossa escrita pode ser modificada por causas ditas normais e acidentais. As primeiras são resultantes da evolução da pessoa, desde a infância, passando pela adolescência e pela maturidade, até a velhice. As acidentais podem ser emotivas, patológicas ou físicas.

Antes de mais nada, vamos esclarecer um ponto fundamental. Muitas pessoas acreditam que é nossa mão a responsável pela escrita. Errado. A mão é o instrumento; também podemos escrever com o pé ou com a boca. A manifestação gráfica tem origem no cérebro. Qualquer alteração nesse órgão é automaticamente acusada na escrita, qualquer emoção presente é registrada na ponta da caneta, embora nem sempre sejamos capazes de perceber isso. Tente escrever quando estiver nervoso, agitado ou cansado: estados depressivos ou eufóricos modificam a estrutura do grafismo.

No que diz respeito às causas patológicas, já se sabe que as moléstias causam diversas modificações na escrita, embora em muitos casos seja quase impossível fazer um diagnóstico. Certas doenças apresentam reflexos que são facilmente percebidos, até os leigos são capazes de observá-los; por exemplo, a letra trêmida de alcoolistas crônicos ou de um portador do mal de Parkinson. Como regra geral, pode-se dizer que qualquer doença causa, em graus diversos, modificações na escrita; isso vale até mesmo para os resfriados comuns.

As causas físicas que modificam o grafismo são quase infinitas. O calor e o frio são as mais comuns, sendo que em geral afetam apenas o tamanho da letra e a pressão sobre o papel, o

que se deve, no caso do frio, ao endurecimento dos dedos; basta que a circulação volte ao normal para que a escrita se estabilize.

Voltemos à letra feia. Partindo do modelo caligráfico escolar, cada um de nós vai modificando a escrita ao longo da vida; portanto, ela é a expressão de nossa individualidade, mostra quem somos, nossa verdadeira evolução. É fácil concluir que adultos que não alteraram a letra no transcurso dos anos, mantendo a letra caligráfica, são pessoas sem grande originalidade, que adotam um padrão e não o alteram. São pessoas que acreditam no “contrato social” e fazem de tudo para sustentá-lo. Podemos, nesse caso, estar diante de um professor, um militar ou qualquer profissional que só fará contestações de ordem interna ou familiar. Na sociedade, sua tendência será a aceitação do que lhe é imposto como papel social.

Quem apresenta escrita caligráfica valoriza e defende o tradicional, não vê necessidade de mudanças no curto prazo; acha que o já estabelecido é suficiente e no máximo quer vê-lo aperfeiçoado. Opõe-se a mudanças bruscas e é adepto das rotinas do cotidiano; evita transformações radicais, pois não gosta de surpresas. Resumindo: a escrita caligráfica representa a aceitação dos fatos, ordens e acontecimentos, sem muita contestação.

Nunca vi uma escrita de um grande gênio da humanidade que tivesse tais características; ao contrário, todos se afastaram do modelo escolar, ou seja, aplicaram sua individualidade àquilo que aprenderam. Com maior ou menor intensidade, as pessoas mudam sua escrita a partir do modelo escolar. O professor espanhol Mauricio Xandró diz que o melhor sinal de maturidade é uma escrita caligráfica personalizada, aquela em que impomos nossa individualidade ao que nos foi ensinado, sem desprezar esse conhecimento; aprendemos o padrão e o modificamos.

Então você me perguntaria: “A escrita caligráfica é ruim?”